



CHICO XAVIER, O NUMINOSO E AS CIÊNCIAS NORMATIVAS: CONTRIBUIÇÕES PARA A PSICOLOGIA DA RELIGIÃO

Chico Xavier, The Numinous and the Normative Sciences: Contributions to the
Psychology of Religion

MAURÍCIO DA SILVA NEUBERN *

Chico Xavier, El Numinoso y las Ciencias Normativas: Contribuciones a la Psicología
de la Religión

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo inicial realizar uma análise inspirada nas ciências normativas de Peirce para compreender a influência do Numinoso ou sagrado no médium brasileiro Chico Xavier, dada sua importância no cenário social e religioso do Brasil. Em seguida, visa também propiciar algumas contribuições para a psicologia da religião enquanto campo de saber. Três histórias sobre o médium são tomadas enquanto diagramas e discutidas a partir da estética, ética e semiótica, tendo sempre como base a Fenomenologia. Por fim, destaca que, a partir da especificidade ontológica do Numinoso, é possível à psicologia da religião estabelecer diferenças mais nítidas entre religião e espiritualidade, considerar os aspectos éticos ligados às relações entre ego e self e também o problema da verdade, que precisa ser pensado em termos dos sentidos subjetivos individuais e também pelos critérios coletivos de legitimação.

Palavras-chave: Numinoso; Semiótica; Espiritualidade; Psicologia da Religião.

Abstract: The present work aims to perform an analysis inspired by the normative sciences of Peirce to understand the influence of The Numinous or sacred in the Brazilian medium Chico Xavier, given its importance in the social and religious scenario of Brazil. Then, it also aims to provide some contributions to the psychology of religion as a field of knowledge. Three stories about the medium are taken as diagrams and discussed from aesthetics, ethics and semiotics, always based on phenomenology. Finally, it highlights that, from the ontological specificity of numinous, it is possible for the psychology of religion to establish clearer differences between religion and spirituality, to consider the ethical aspects linked to the relations between ego and self and also the problem of truth, which needs to be thought in terms of individual subjective senses and also by the collective criteria of legitimation.

Keywords: Numinous; Semiotics; Spirituality; Psychology of Religion.

Resumen: El presente trabajo tiene como objetivo realizar un análisis inspirado en las Ciencias normativas de Peirce para comprender la influencia de Lo Numinoso o sagrado en el médium brasileño Chico Xavier, dada su importancia en el escenario social y religioso de Brasil. Luego, también pretende aportar algunas contribuciones a la psicología de la religión como campo de conocimiento. Tres historias sobre el medium son tomadas como diagramas y discutidas desde la estética, la ética y la semiótica, siempre basadas en la fenomenología. Finalmente, destaca que, desde la especificidad ontológica de numinoso, es posible que la psicología de la religión establezca diferencias más claras entre religión y espiritualidad, para considerar los aspectos éticos vinculados a las relaciones entre yo y yo y también el problema de la verdad, que necesita ser pensado en términos de sentidos subjetivos individuales y también por los criterios colectivos de legitimación.

Palabras-Clave: Numinoso; Semiótica; Espiritualidad; Psicología de la Religión.

* Instituto de Psicologia (IP), Universidade de Brasília (UnB). Email: mauricio.neubern@gmail.com. Orcid: 0000-0002-6971-0655



Introdução

Compreender a experiência espiritual de Francisco Cândido Xavier (1910-2002), médium mineiro conhecido como Chico Xavier, é um grande desafio para a psicologia da religião, principalmente no tocante à dimensão denominada *Numinoso* ou Sagrado (Otto, 1917/2007). Possuindo uma ontologia própria, o *Numinoso* se refere ao contato com o Divino nas religiões teístas e não teístas (Otto, 1917/2007), que não pode ser apreendido por palavras, situa a pessoa na condição de criatura frente ao Criador (“o totalmente outro”) e se constitui como eterno presente, englobando o princípio e fim de todas as coisas, cujo poder é anterior e superior aos do mundo humano. Pode também envolver o contato com os seres espirituais daquele sistema coletivo, uma relação de conexão com o todo a partir de um profundo amor para com ele, resultando em importantes consequências éticas para aqueles que com ele se relacionam (Neubern, 2018). Concebe-se aqui que o *Numinoso* seja uma importante noção para se compreender a proximidade de Chico Xavier com os santos católicos, o que, de certa forma, parece reformular o Espiritismo de origem francesa em terras brasileiras, onde adquire teores mais fortes do sagrado, novas práticas, influências e modos de subjetivação (Lewgoy, 2004; Stoll, 2003).

Nesse sentido, a relevância dessa noção e de sua relação com Chico Xavier, curiosamente pouco aprofundada na psicologia da religião (Neubern, 2018), se dá por alguns motivos. Em primeiro lugar, por se tratar de uma realidade específica com ontologia própria, o *Numinoso* permite que se diferencie espiritualidade (mais ligada a seu campo de experiência) e religião (mais integrada a questões institucionais e convencionais), de maneira a se proporcionar distinções importantes sobre ambas, imprescindíveis para que se evitem confusões (Freitas, 2017). Uma pessoa religiosa pode possuir pouco ou nenhum acesso ao *Numinoso*, não sendo, portanto, espiritualizada, ao passo que num ateu sua influência pode ser marcante. Chico Xavier não seria, desse modo, apenas um fenômeno paranormal, mas, principalmente alguém que, segundo seus biógrafos (Souto Maior, 2003), parecia vivenciar e transmitir em abundância esse tipo de influência a ponto de comover muitas pessoas. Em segundo lugar, o estudo do *Numinoso* não deve permitir que tal campo de realidade seja reduzido a outras ontologias, como a psique, a linguagem, os processos socioculturais e a própria biologia, problemas que parecem ser bastante comuns na psicologia e demais ciências humanas, cujas categorias, além de confundirem religião e espiritualidade, as situam como fenômenos de lutas de classe, interesses econômicos, estilo literário, problemas parapsicológicos, determinantes sociológicos e culturais e ainda alterações cerebrais. A literatura não muito ampla sobre Chico Xavier parece corroborar essas tendências que, embora pertinentes, deixam escapar aspectos centrais ligados ao *Numinoso* de sua experiência e de sua própria repercussão no mundo social (Silva & Brunelli, 2016).

Desse modo, além de Chico Xavier se constituir como importante figura social do Brasil no século XX (Lewgoy, 2004), considera-se que um estudo sobre suas relações com o *Numinoso* é de grande relevância para a psicologia da religião por algumas razões. Em primeiro lugar, por se referir a uma dimensão individual e coletiva com ontologia própria, tal estudo pode facilitar definições conceituais de grande importância para essa disciplina, de maneira a facilitar maior precisão conceitual quanto aos tópicos estudados e se debater sobre a viabilidade metodológica das pesquisas. Tal ponto, levantado por James (1902/1987) há mais de um século parece pouco relevante para grande número de pesquisas sobre o campo, no qual teorias e instrumentos são aplicados como se as experiências espirituais se restringissem às noções comuns ligadas à psique, ignorando que tais noções também carecem de uma definição ontológica (Gonzalez Rey, 2019). O personagem em questão oferece elementos significativos nesse aspecto, seja por meio de suas experiências de transe, seja por situações corriqueiras narradas sobre ele (Souto Maior, 2003). Em segundo lugar, uma vez definido o campo, pode-se levar em conta quais seriam suas exigências metodológicas e conceituais que, certamente, perpassam a construção de sentidos (Raposa, 2020), mas também implicam definições sobre sua natureza e como estudá-la. Tal perspectiva é relevante porque a construção de sentidos sobre um fenômeno religioso, em si, apresenta diferenças significativas com relação àquelas que derivam de uma experiência marcada pelo *Numinoso* (Neubern, 2018).

Em terceiro lugar, tal proposta de estudo pode contribuir significativamente para as discussões sobre moral e ética que, em muitas situações, assumem um papel preponderante nos estudos sobre o campo (Freitas, 2017). Nesse sentido, podem-se traçar importantes delimitações entre aquilo que se torna valor num campo religioso e aquilo que pauta a relação com o campo, a bem dizer, divino que caracteriza o *Numinoso* (Otto, 1917/2007), o que assume um papel importante no tocante a estudos ligados à sexualidade, racismo, saúde, dinheiro, política, sofrimento, psicoterapia e seitas. Em suma, aquilo que comumente se considera como valor pode assumir implicações muito distintas se ligadas a um campo de religião ou de espiritualidade, o que pode parecer melhor delimitado em Chico Xavier. Em quarto lugar, há ainda o problema daquilo que se constitui como critérios de legitimação de uma determinada experiência que possui implicações graves quanto ao tema



em questão. Experiências ligadas ao *Numinoso*, não raramente, são colocadas sob suspeita, seja por pessoas da própria comunidade e da família de quem a vive, seja pelos próprios pesquisadores. O teor diáfano e elusivo de tais processos costuma ser um considerável obstáculo para a abordagem dos métodos e instrumentos de pesquisa que, por vezes, colocam-se diante de tais campos e saberes de modo desqualificatório e colonialista (Nathan, 2001). Assim, torna-se fundamental que os psicólogos se questionem sobre como considerar aquilo que se afigura ou pode vir a ser uma verdade para uma dada pessoa, como Chico Xavier no Espiritismo, e como esses critérios se sustentam em termos individuais e coletivos.

Diante dessas questões, o objetivo deste trabalho é o de propiciar uma leitura do *Numinoso* em Chico Xavier por meio das ciências normativas de Charles Peirce (1903/1997) e também proporcionar algumas contribuições para a psicologia da religião. Algumas considerações precisam ser feitas com o intuito de esclarecer essa proposta. Primeiramente, tais disciplinas desenvolvidas pelo filósofo norte-americano – estética, ética e semiótica (lógica) – são de grande pertinência para o tratamento das questões acima listadas e podem, portanto, oferecer subsídios fundamentais para este ramo da psicologia. Em seguida, a análise será feita, basicamente, por meio de contos de histórias envolvendo o médium, relatados por pessoas que com ele conviveram ou tiveram contato (Barbosa, 1993; Gama, 1998; UEM¹, 1992; Souto Maior, 2003) e que são ainda hoje utilizados em muitas comunidades espíritas. Há aqui importante influência etnopsicológica (Neubern, 2018), por se considerar que os signos precisam ser analisados e pensados de acordo com os saberes coletivos e às experiências dos indivíduos de onde se originam. As construções de sentido que emergem ligadas a personagens como Chico Xavier necessitam ser consideradas a partir das narrativas, escritos, trocas e práticas sociais ligados a seus contextos culturais. Em outras palavras, o foco se dá sob a perspectiva de tais saberes e pessoas, sem a preocupação de se questionar o estatuto de realidade de seus componentes, como espíritos e mundo espiritual.

Embora um estudo dessa natureza fosse mais completo por meio da imersão no campo, como numa etnografia, esse formato de expressão e comunicação possui importantes implicações semióticas no tocante ao *Numinoso*, que serão desenvolvidas ao longo do trabalho. Ressalta-se também que tais contos são muito típicos dos cenários sociais e culturais do Espiritismo brasileiro (Lewgoy, 2004; Stoll, 2003), apesar de não ter havido espaço para contextualizá-los quanto a tais cenários. Por fim, a análise dessas histórias será precedida pela exposição de alguns conceitos importantes, principalmente da obra de Peirce (1903/1997), que lhe servirão de base.

Conceitos Básicos

Na arquitetura dos saberes proposta por Peirce (1903/1917), na qual ele destaca as relações e hierarquias entre os mesmos, a fenomenologia se apresenta como uma disciplina filosófica central, da qual as ciências normativas e a própria metafísica parecem depender (Liszka, 1996). Ao se voltar para o estudo *de como as coisas aparecem para a mente*, a fenomenologia destaca três grandes categorias. A primeiridade refere-se ao aspecto qualitativo, presente e potencial, ligada, sobretudo, aos sentimentos ao passo que a segundidade implica o existente, concreto e reativo, nos quais se inicia uma noção de história. A terceiridade, por sua vez, remete a hábitos, leis e convenções, relacionando-se principalmente com o pensar e o simbólico. As ciências normativas se referem àquilo que deveria ser, ou seja, estabelecem, por métodos *coenoscópicos*, algumas condições para que as ciências empíricas possam investigar a realidade como é, ou seja, por métodos *idioscópicos* (Liszka, 1996). A estética, muito marcada pela primeiridade, remete àquilo que é admirável em si, os ideais para os quais as pessoas voltam suas ações, ao passo que a ética tem por escopo o esforço de coerência entre as crenças e as condutas das pessoas. A semiótica, talvez a mais conhecida delas, se refere àquilo que é verdadeiro, tendo o estudo dos signos como foco principal. Os signos são aquilo que substituem algo (um objeto) e produzem um efeito na mente do interlocutor (interpretante). Na talvez mais conhecida classificação de signos, a de suas relações com os objetos, Peirce (1998) propõe os ícones, como signos de primeiridade, que se relacionam com seus objetos por semelhança qualitativa, como imagens, emoticons, hieróglifos; os índices, como signos de segundidade, que se ligam a seus objetos por meio de causa ou funcionalidade, como pegadas e as marcas de mercúrio no termômetro, enquanto os símbolos, de terceiridade, se ligam a seus objetos por meio de hábitos, leis ou convenções, tais como as palavras, discursos e leis de um modo geral.

Uma variante de grande importância de classificação dos signos refere-se aos tipos de ícones (Jappy, 2013). As imagens referem-se a signos de primeira-primeiridade e ligam-se a seus objetos por meras semelhanças, como os signos acima listados. Os diagramas, de segunda-primeiridade, destacam as relações entre os objetos que representam, como no caso dos diagramas de livros de ciências e as narrativas de um acontecimento. Já as metáforas implicam, num só signo, dois campos distintos sem explicitar as relações entre eles para designar uma qualidade, como a expressão “José é um osso duro de se roer”, na qual uma pessoa é associada a uma situação física para designar, possivelmente, as dificuldades que pode trazer em certo campo de relações. Por conta de se centrar na análise de contos de história, no presente trabalho os diagramas serão de especial importância, pois, além de permitirem múltiplas explorações de significados, também evocam sobremaneira os sentimentos (Neubern, 2016).

¹ União Espírita Mineira.



Outro ponto a ser destacado são as próprias relações entre ego e self (Colapietro, 1989; Petrilli, 2017), principalmente por conta do entendimento de uma experiência comum em Chico Xavier: o transe. O ego seria uma porção diminuta da subjetividade, ou seja, como diria Peirce (citado em Raposa, 2020), uma onda na vastidão do oceano do self. Em suas relações com o mundo, desenvolve um senso identitário e individualizado, embora seja sempre poroso e perpassado pelas relações que desenvolve em suas inserções sociais. Sendo, de certo modo, ligado às convenções compartilhadas com o mundo social e suas instituições, o ego desenvolve uma série de relações com esse mundo envolvendo referências de tempo, espaço, causa, matéria e outro, como ainda noções de bem x mal, belo x feio, sagrado x profano, masculino x feminino, humano x animal, real x imaginário, dentre outros. No transe tais referências seriam redimensionadas, o ego descentrado de seu pretensão papel de controle e uma série de processos, antes subjacentes, vêm à tona, de modo a poderem se estabelecer novas organizações em sua subjetividade (Neubern, 2018).

Por fim, cabe uma última colocação que, certamente, escapa às ciências normativas, mas se alinha, de modo pertinente, à sua proposta, inclusive devido à temática do *Numinoso*: a etnopsicologia (Nathan, 2001; Neubern, 2018). Opondo-se a uma leitura colonialista, implica uma proposta de favorecer com que os saberes se mostrem a partir de suas próprias referências e ontologias, ligadas a seus próprios maquinários, que são macro construções coletivas que abrangem saberes, iniciações, especialistas, seres, cosmovisões, práticas, critérios de legitimação, e dispositivos, que são os modos técnicos de interpelação das realidades que fabricam e às quais se dirigem (Nathan, 2001). Os espíritos com os quais Chico Xavier interagiu são exemplos de seres ligados a dispositivos específicos (como a sessão mediúcnica) e ao maquinário do Espiritismo, ao passo que um elétron seria um ser ligado a outro tipo de dispositivo (o laboratório) e maquinário – a ciência moderna (Stengers, 1995). Malgrado os esforços de ciências como parapsicologia, por exemplo, os seres ligados a um tipo de maquinário dificilmente poderiam responder aos dispositivos de outro.

Chico Xavier e as Ciências Normativas

1. Estética

Arnaldo Rocha (citado em UEM, 1992, pp. 46-48) conta que, em certa ocasião, Chico Xavier sentia muitas dores em um dos pés, o que o levava a mancar com frequência. Malgrado ter recorrido a um médico e também a um colega médium de cura, seu problema continuava e suas dores aumentavam. Em certa ocasião, vindo do trabalho numa charrete com outros dois colegas, passaram frente ao “Biriba”, conhecido prostíbulo da cidade, quando uma das moças que lá habitava os abordou e disse que precisava falar com Chico. Ao entrarem no recinto, foram recebidos respeitosamente pelas demais moças e a referida jovem trouxe uma bacia de água limpa, em seguida pedindo-lhe permissão para descalçá-lo. Colocando seus pés na água e utilizando-se de ramos de flores, a jovem se pôs a orar e foi acompanhada pelas demais. Molhava os ramos e os batia delicadamente no pé com problemas de Chico. Em seguida, enxugou o pé, beijou-o e o calçou novamente. Dois dias depois, em lágrimas, Chico explicou aos colegas o que havia percebido mediunicamente: à medida que o ritual seguia seu curso, saía de seu pé um líquido escuro e lodoso para a água e a dor desaparecia. Enquanto para os demais a água parecia normal, para ele ela se tornou escura e lodosa. Depois desse acontecimento, o médium nunca mais sentiu tais dores naquele pé.

De um ponto de vista da experiência, a influência do *Numinoso* comumente é ligada a uma dimensão de profunda admiração por um ser ou um campo, em tese, inatingível (Otto, 1917/2007). Variando de uma intensa contemplação, na qual a pessoa pode mesmo se sentir absorva sem desviar o foco, a um arrebatamento como o das experiências oceânicas (Rolland, 1929/2012), em que a pessoa se sente diluir, essa experiência possui fortes relações com a estética de Peirce (1903/1997). A começar, liga-se a uma dimensão de primeiridade, caracterizada pelo sentimento, pelo potencial (aquilo que pode ser) e por uma vivência de tempo tipicamente presente, como descrito por outros autores (James, 1902/1987). Todavia, ela também se constitui como algo que é admirável em si, sendo, portanto, primeiro, sem que se deva compará-la a outra experiência, o que já seria algo da secundidade. Nesse sentido, esse algo em si mesmo admirável se situa como um ideal a ser seguido (Peirce, 1903/1997), algo que passa a habitar a subjetividade daquele self e influi decisivamente nas ações daquela pessoa.

No caso específico da história aqui relatada, o transe aparece como uma percepção decisiva para o entendimento do ocorrido. É por meio de uma percepção acessível a ele e não aos outros que Chico adentra numa compreensão mais profunda do ocorrido, percebendo naquele singelo encontro a presença e atuação do *Numinoso*. A matéria escura que sai de seu pé, em termos etnopsicológicos, não seria apenas signo de algo a ocorrer em seu corpo, como o alívio da dor, mas a ação de algo sublime e superior que poderia se utilizar daquela simples jovem, inserida em meio desfavorecido socialmente e de moral reprovável, como poderoso veículo de cura. Isso porque a pureza dos sentimentos seria capaz de situá-la, naquele instante, como alguém capaz de intervir num problema que, até então, nem médicos, nem médiuns haviam feito de maneira eficiente. Isso porque a percepção mediúcnica foi, desse modo, uma espécie de pedra de toque para que Chico se inteirasse da grandeza daquele momento, o que talvez justificasse suas lágrimas ao narrar o acontecido a seus amigos.

Nesse sentido, há diferentes signos que remetem ao *Numinoso*, principalmente se considerados junto à



tradição cristã (Otto, 1917/2007). Em um primeiro momento é possível de se conceber uma profunda atitude de humildade de Chico que, sendo já uma figura respeitada e reconhecida por suas qualidades espirituais aquiesceu ao pedido de uma jovem prostituta para adentrar a um lugar moralmente inaceitável por sua própria fé. Aquele homem, com incríveis dons mediúnicos e tido por muitos como uma espécie de santo (Lewgoy, 2004; Stoll, 2003), aceitava ali ser acolhido e tratado por outra pessoa, cujo papel na sociedade brasileira é, ainda hoje, intensamente marginalizado. No entanto, a história impacta por conta de uma relação complexa entre os objetos de seu diagrama, pois aqui, o santo foi curado pela pecadora, que foi reconhecida como a única fonte efetiva de tratamento, superando intervenções anteriores da medicina e do Espiritismo. Não seria exagero considerar, no caso, que o *Numinoso* parece caçar os eventuais ouvintes dessa história, ao apresentar uma situação em que os valores sociais comumente compartilhados se tornam quase que irrelevantes e o sentimento puro é capaz de alçar uma figura marginal (mulher, prostituta e de baixa classe social) à condição de um instrumento divino de cura para alguém pretensamente superior (homem, trabalhador e santo).

Por outro lado, o diagrama também remete à tradição cristã dos “lava-pés”, levando seus conhecedores à forte cena na qual uma prostituta lava os pés de Jesus, beija-os e enxuga-os com seus cabelos² (Bíblia Anotada, 1994). O diagrama aqui apresenta plenamente sua condição de ícone ao se assemelhar, em vários sentidos, à famosa cena bíblica: Chico, enquanto objeto do signo, é semelhante ao mais alto signo do Cristianismo – Jesus – numa cena em que ambos têm os pés lavados por uma mulher pecadora. É certo que há diferenças entre ambos, mas o que possuem em comum é a permissão com que signos do *Numinoso* se deixam interpelar e ser cuidados por signos que representam uma dimensão inferior e marginal da condição humana – a prostituição – que, no entanto, tornam-se dignos por conta da pureza de sentimentos. Segundo a literatura espírita (Gama, 1998; Xavier, 1948; 2011; 1941/2017), a atitude presente em Chico e Jesus quanto às prostitutas remete também a um grande ensinamento no qual, ambos não aprovam a condição em que estão, mas não deixam de lhes endereçar um profundo sentimento de compaixão, capaz mesmo de fazer com que, algumas delas, tenham deixado semelhante modo de vida.

Todavia, é certo que esse diagrama só se assemelha ao bíblico para aqueles que possuem um conhecimento prévio dessa tradição, o que o situa como um modo de alegoria (Jappy, 2013). Esse elo invisível entre um conto e o saber coletivo da tradição cristã possui poderosos elementos estéticos, capazes mesmo de produzir fortes impactos naqueles que escutam tal narrativa e levá-los a uma postura de tocante admiração quanto ao *Numinoso*, pois, mesmo os seres mais embaraçados num plano de vícios e marginalidade, poderiam ser instrumentos da Graça de Deus. No caso, o sentimento puro e a humildade favoreceriam não apenas transcender momentaneamente a barreira entre santos e pecadores, mas também destacar que esses últimos poderiam cultivar uma atitude de esperança quanto à compaixão Divina e a um futuro diferente (Bíblia Anotada, 1994³), tal como encarnado pela conversão de algumas prostitutas que interagiram com Chico Xavier (Gama, 1998). As marcas profundas, portanto, a que essa alegoria pode levar, em termos de semiose, possuem uma forte tendência de direcionar as pessoas quanto ao futuro, o que se constitui como forte característica do *Numinoso* (Raposa, 2020).

Tal sentimento de compaixão remete, desse modo, ao ideal estético do *Numinoso* que passa a se constituir como um poderoso foco de atração para quem o vivencia. Em outras palavras, essa experiência situa a pessoa numa possibilidade de transcendência que vai além das convenções e valores comuns (como homem x mulher, superior x inferior, sagrado x profano) e coloca o sentimento sublime como algo a ser buscado, um campo que o sujeito deve se esforçar para acessar – ponto muito corriqueiro nas narrativas sobre Chico Xavier. Ao mesmo tempo, situa-o também como signo do *Numinoso* junto aos outros, dada a coerência que passa a demonstrar entre a crença e as atitudes cotidianas. A ideia segundo a qual o exemplo é mais convincente do que a palavra (Gama, 1998), comum entre os espíritas, é de grande importância para se compreender como tal diagrama se torna um signo capaz de atrair a atenção dos outros, ao mesmo tempo em que os comove.

2. Ética

Na infância de Chico, segundo Ramiro Gama (1998, pp. 39-40), houve várias situações de muito sofrimento geradas por sua madrinha, uma mulher perturbada que o adotou após a morte de sua mãe, Maria João de Deus, quando tinha apenas cinco anos de idade. A terrível mulher o xingava com frequência, humilhava-o, batia nele, privava-o de comida, quando não o torturava com garfadas na barriga. Por dois anos de agressões diárias, Chico sempre recebia o conselho de sua mãe, a quem visualizava em espírito, que se resignasse aos desígnios de Deus e aceitasse com paciência aquela situação, pois precisaria ficar forte para o trabalho a desempenhar. Até que lhe anunciou que Jesus lhe enviaria um anjo bom, para cuidar dele e de seus irmãos. A segunda esposa de seu pai, Cidália, pediu que todos os filhos do casamento anterior, antes distribuídos, fossem reunidos de novo e, ao ver o estado da barriga do menino, passou a lhe cuidar com muita dedicação, perguntando se ele sabia quem era ela. “Sim, a senhora é o anjo bom do qual minha mãe já falou” (Gama, 1998, p. 40).

² Lucas: 7: 36 – 38. Deve-se considerar que a Bíblia não é explícita sobre a relação entre Jesus e prostitutas, pois, nas diferentes passagens de onde se deduz tal proximidade, o termo utilizado é “pecadora”. Não existe, portanto, consenso a esse respeito. Todavia, caso se considere a literatura espírita sobre o qual se baseia parte desse trabalho tais personagens bíblicas são consideradas como prostitutas, sendo a mais conhecida delas Maria de Madalena, convertida por Jesus.

³ Mateus: 28:32



Enquanto ciência normativa, a ética se refere ao esforço deliberado de escolha das ações, ou “o estudo sobre quais fins de ação estamos deliberadamente dispostos a adotar” (Peirce, 1903/1997, p. 212). Liga-se a um plano de segundidade, principalmente porque lida com a coerência entre propósitos e ações que, via-de-regra, confrontam a pessoa em seu dia a dia e dela exigem considerável exercício de autocontrole (Colapietro, 1989). Semelhante reflexividade, na qual a pessoa se pensa, se interpreta e controla (e controle aqui, principalmente, em termos de pensamento coerente) remete a uma coerência entre as crenças profundas que habitam o self e seus modos de influenciar e moldar a conduta da pessoa. Em termos espirituais, isso pode implicar uma coerência maior entre ego e self, fazendo com que a pessoa se torne cada vez mais um signo do *Numinoso* (Raposa, 2020), ao qual passa a possuir maior acesso, e com o qual cria e desenvolve uma complexa diversidade de relações, como as favorecidas pela própria mediunidade.

No relato aqui trazido, o transe traz uma narrativa importante em vários sentidos, para se compreender a relação entre Chico Xavier e o *Numinoso*. A história, tipicamente espírita, se passa num ambiente de acesso exclusivo do menino, já capaz de acessar o universo espiritual e invisível, onde poderia contar com o acolhimento de um ser querido e do qual sentia muita falta: sua mãe, uma pessoa boa e espiritualizada, confortava-nos nos momentos difíceis de agressões, sem que em qualquer momento parecesse se contrapor ou atacar seus agressores. Mais que isso, pedia ao menino, com apenas cinco anos, que se resignasse e se fortalecesse diante de tantas agressões, pois era preciso que crescesse forte para o trabalho que, à época, ainda era completamente desconhecido de Chico. Um primeiro ponto que se destaca dessa história, é seu aspecto chocante, dada a tamanha violência contra uma criança, sem a menor condição de defesa e ao peso que também era conferido para que aprendesse virtudes quanto àquilo. Tal cena se afigura como chocante e mesmo ilegal nos dias de hoje, principalmente por conta das diversas conquistas sociais envolvendo crianças e adolescentes (Neves, Loyola & Rosa, 2019), que poderiam sugerir a responsabilização do objeto mais frágil do diagrama – Chico ainda criança – que não passaria ali de uma vítima da violência de adultos. Contudo, sem se considerar o contexto, a época e mesmo os direitos da criança, é importante salientar que as relações com o *Numinoso*, não raras vezes, passam por provações e iniciações cruéis por meio das quais o mundo espiritual buscaria incutir humildade e disciplina na pessoa para que o ego aprenda a se submeter aos ideais maiores e estéticos presentes no self e nos saberes coletivos. A vida dos santos, yogues, xamãs, místicos e iniciados costuma ser perpassada por privações, árduos ritos de iniciação, perseguições, doenças, perdas, traições, ataques gratuitos que, em suma, comumente trazem a mensagem na qual o sofrimento implica um importante recurso pedagógico para a renovação e o fortalecimento da alma (Corbin, 1983/2008; Otto, 1951/2016).

Nesse sentido, caso se tome a ética não apenas como ciência normativa, mas ainda como integração consigo (Seif, 2019), a vida de Chico Xavier foi marcada por uma série de desafios que muito lhe exigiram (Barbosa, 1993; Souto Maior, 2003). Os ataques de pessoas de sua própria religião, assim como de outras, o abandono de companheiros próximos, as tentativas de suborno, as calúnias e difamações de pessoas próximas e da mídia, as doenças diversas ao longo de toda sua vida compuseram narrativas de um personagem estoico que, malgrado o sofrimento, permaneceu fiel a sua missão. Seus biógrafos parecem unânimes em ressaltar que, mesmo diante de tantos problemas, Chico jamais era visto revidando ou criticando seus agressores. Ao mesmo tempo, o considerável montante de dinheiro ligado a seus mais de 400 livros psicografados, a frequente publicidade em torno de seu nome, as homenagens e o assédio de celebridades e políticos comumente eram ligados a narrativas nas quais o médium se atribuía um papel insignificante diante dos espíritos, de sua missão e de Jesus Cristo (Gama, 1998). Não sem razões, seu padrão de vida até o final foi bastante modesto; todo o dinheiro de suas psicografias foi destinado a obras assistenciais e nenhuma das acusações contra ele, até o momento, parecem ter se confirmado (Souto Maior, 2003).

Como se pode notar, a reflexividade exigida pela ética está profundamente ligada aos modos de reação da pessoa, pois as situações de adversidade, como as vividas por Chico, dizem da coerência entre as crenças profundas presentes no self e as condutas assumidas diante de tais desafios. No entanto, tal reflexividade também remete a um princípio fundamental em diversas religiões – a disciplina (Raposa, 2020) – que consiste numa condição central para que a pessoa acesse e consiga se manter ligada ao *Numinoso*, favorecendo uma influência maior e crescente desse sobre a formação de hábitos e atitudes no cotidiano. O ritmo de trabalho sobre-humano de Chico Xavier envolvia as atividades profissionais comuns, como servidor público, os cuidados com a família, a assistência a pessoas necessitadas de diversos tipos e, principalmente, o considerável montante de atividades mediúnicas, durante toda a semana. Por muitos anos durante sua vida dormia apenas três ou quatro horas por noite, num período entre o fim das sessões mediúnicas que varavam a madrugada e o despertar ainda cedo para se dirigir a seu trabalho na Fazenda Modelo do Ministério da Agricultura. Nessa adesão hercúlea à sua missão, o ritmo acelerado de psicografias de diversos estilos, que fizeram dele um fenômeno literário (Fernandes, 2008), estava profundamente associado a diferentes formas de cuidado dispensados a famintos, desabrigados, mendigos, idosos, crianças abandonadas, presidiários e doentes, sem contar sua carinhosa atenção para com os animais.

Nesse sentido, sua reflexividade contribuía significativamente para que o ego se submetesse aos ideais estéticos (Peirce, 1903/1997), fossem eles integrados a seu self, fosse ao Espiritismo, enquanto saber coletivo. Dito de outro modo, semelhante esforço favorecia que Chico fosse reconhecido como um signo do *Numinoso*, fosse pela coerência entre suas crenças e condutas, fosse por conta de uma profunda bondade que parecia



emanar de si e comover muitas pessoas que com ele interagissem (Gama, 1998). Os frutos de tal esforço ético refletiam-se diretamente em sua experiência de transe que, para muitos, era a de um ser que vivesse constantemente entre o mundo humano e o dos espíritos. Não seria exagero afirmar que os transe de Chico, frequentemente, o situassem como um portal do *Numinoso*, fosse por conta da profusão de signos vindos de um outro mundo (como luzes, curas, falas, escritas, seres, ensinamentos, odores, imagens), fosse por conta de uma profunda amorosidade que envolvia os interlocutores e os impressionava fortemente, como nos famosos casos das cartas de pessoas falecidas a seus entes queridos (Barbosa, 1993). Era como se estivesse em constante mergulho onírico em seu próprio self, de onde pudesse acessar e dialogar com o *Numinoso* e transitar até o mundo visível dos humanos, com suas próprias convenções, práticas e valores. Entretanto, é importante salientar que semelhantes processos de mergulho no universo espiritual são também sujeitos a riscos (Csordas, 1997; Nathan, 2001), uma vez que podem favorecer a emergência de seres e influências nefastas que, enquanto signos, representam o sombrio, o grotesco e o maléfico também presentes nos maquinários espirituais.

Não sem razões as experiências de transe de Chico Xavier também foram marcadas por entidades ligadas ao sexo, seres demoníacos e animais que tentavam seduzi-lo, atacá-lo e amedrontá-lo. Tais seres não encontraram qualquer reação de revide de sua parte (Souto Maior, 2003), como aconselhado por sua mãe na história aqui discutida, pois o médium compreendia que tais seres estavam irmanados aos demais seres da criação e que um dia também atingiriam à luz. A busca de integração com o *Numinoso* não significaria, para ele, a negação dessa dimensão, mas seu reconhecimento, possibilidade de diálogo e integração com ela, até mesmo porque, do contrário, jamais poderia guardar uma condição de humildade do ego diante das diretrizes superiores. É nesse sentido que a ética, em sua reflexividade, sai de um simples controle da ação bruta, marcado pelo poder, para se situar no campo de uma autoridade que emana do ser, como consequência das escolhas coerentes com os ideais estéticos que, necessariamente, implicam uma integração mais ampla consigo mesmo (Seif, 2019; 2020).

3. Semiótica

Gama (1998, p. 64) narra que, em 1931, Chico estava à beira de um lago quando viu surgir, em sua visão mediúmica, uma cruz em chamas. De lá, uma luz tomava a forma humana, com roupas antigas: era Emmanuel, seu mentor. Após uma conversa amistosa entre ambos, o espírito lhe perguntou se Chico estaria pronto para o trabalho com o Evangelho de Jesus, ao que ele retrucou que sim, desde que não fosse desamparado. Emmanuel lhe respondeu que não lhe faltaria ajuda e que deveria se esforçar muito para recebê-la, acrescentando que três condições eram indispensáveis. “Qual a primeira?” Perguntou Chico: Disciplina, respondeu o espírito. “E a segunda? Disciplina. E a terceira? Disciplina”.

Esse breve conto, bastante conhecido, possui fortes implicações éticas, uma vez que ressalta a necessidade de uma constante vigilância sobre si e de uma considerável entrega à missão espiritual, como já levantado no item anterior. Todavia, ele também se refere a uma questão do verdadeiro, que pauta a semiótica enquanto ciência normativa (Peirce, 1903/1997) e que poderia certamente levar muitas pessoas a se perguntarem como visões de fenômenos privados poderiam ser tidas como verdadeiras por Chico e por tantas pessoas, a ponto de favorecerem um considerável impacto em suas vidas e a construção de instituições, editoras e movimentos de grande penetração social. A busca pelo verdadeiro, no caso, não se daria apenas em termos de uma lógica crítica, de modo a se investigar conjuntamente (*inquiry*) os diferentes modos de se pesquisar uma visão como essa (como abdução, dedução e indução), mas também em termos de sua repercussão, análise e aceitação diante de uma coletividade – retórica universal de Peirce. Ou seja, uma parte da semiótica mais voltada para a busca da verdade em termos de consensos desenvolvidos nos âmbitos sociais e comunitários. Intimamente ligada à terceiridade, a retórica universal teria por preocupação encurtar as distâncias entre signo e interpretante e também a apropriação do conhecimento em termos de agenciamento (Liszka, 1996).

A história em questão consiste, grosso modo, num diagrama com importantes implicações para a semiótica. Por sua fenomenologia de primeiridade, esse hipócone⁴ possui muitas entrelinhas e elementos ocultos que permitem que, ao mesmo tempo em que mostra algo, esconda outras coisas (Raposa, 2020). Nesse processo, o diagrama facilita um fluxo, a bem dizer, infinito de semiose na qual uma pessoa, em suas aspirações espirituais, pode chegar a novos significados a cada vez que o lê ou escuta-o pela voz de um outro. O próprio transe nela presente é muito significativo nesse sentido. Dois personagens são apresentados, sendo um deles invisível e em vestes sacerdotais, envolto em luzes e saído de uma cruz; faz alusão ao Evangelho e o anúncio da missão de outro. Há, nesse sentido, uma sequência de signos ligados ao *Numinoso* e também ao próprio Catolicismo, cujas marcas semióticas são muito presentes no Espiritismo brasileiro (Lewgoy, 2004; Stoll, 2003). O caráter de uma temporalidade distinta do transe (Neubern, 2018) também favorece uma perspectiva de tempo, pois, embora haja ali um personagem vivendo no presente, há uma fusão temporal de presente-pasado-futuro, sendo tudo, de certa forma, presente de modo a favorecer a predominância da primeiridade. É talvez por essa via que se possa compreender como ícones podem, em certas práticas, como o tarô (Semetsky, 2010) e os búzios (Nathan, 2001), favorecer uma compreensão e, eventualmente, revisão de eventos futuros.

4 Como não haveria como se conceber um ícone perfeito (pura qualidade) a não ser por abstração, Peirce (citado em Jappy, 2013) cunhou o termo hipócone para se designar a ícones com algum grau de existência (concretude). São eles as imagens, os diagramas e as metáforas.



Acresce-se ainda que no caso do Espiritismo a partir de Chico Xavier (Stoll, 2003), os contos de histórias parecem formar uma considerável cadeia de narrativas que se confirmam, aprofundam e desenvolvem detalhes antes desconhecidos dos adeptos. No tocante a essa história, dois objetos são personagens relevantes à sociedade brasileira, implicados numa missão junto a ela, e também parecem demonstrar certa afetividade, o que, em histórias posteriores (Barbosa, 1993; UEM, 1993) é decifrado nas revelações de várias encarnações em que ambos os objetos (Emmanuel e Chico) foram muito próximos, como pai e filha. Já o outro aspecto – o da missão coletiva de Chico enquanto médium – também se liga ali à figura de Emmanuel a quem outras histórias posteriores viriam a revelar que seria ele o Padre Manoel da Nóbrega, ou seja, um signo importante da história do Brasil. Tais sequência de narrativas levariam, mais adiante, a uma compreensão mais ampla dessa missão ligada ao próprio destino espiritual do país: o de difundir o Evangelho de Cristo por meio da voz dos espíritos pelo mundo (Albuquerque, 2015). Contudo, é importante destacar que tais histórias só apareceram gradativamente, à medida que Chico desenvolvia suas variadas ações como médium da espiritualidade e benfeitor de pessoas necessitadas.

Vale destacar que o uso frequente dos diagramas ligados a Chico como signo do *Numinoso* possui um papel importante para a reedição do Espiritismo no Brasil. A afetividade trazida por essa forma semiótica, seu teor altamente qualitativo, as múltiplas possibilidades de interpretação e apropriação por parte dos interlocutores conferiu um aspecto comunitário altamente distinto quanto ao teor acadêmico de suas origens francesas. Allan Kardec, por exemplo, veio de família ilustre e culta, tendo sido branco, discípulo do célebre Pestalozzi, veemente debatedor, versado em várias línguas e portador de sólida formação científica, ao passo que Chico Xavier veio de família pobre, era mestiço, estudou apenas até a quarta série primária, era também um homem de gestos tidos como femininos e muito humilde em suas atitudes, mesmo quanto a seus detratores. Enquanto o primeiro se endereçava a uma sociedade com alta cultura artística, científica e universitária, a pensadores e cientistas, o segundo se inseriu numa sociedade ainda distante da condição civilizatória do primeiro mundo, por um teor bastante conservador, uma predominância do discurso católico sobre os demais e com profundas marcas patriarcais, patrimonialistas e escravocratas (Souza, 2019). Se, na França, a famosa Sorbone viria a nascer no século XII, a primeira universidade brasileira só surgiria no início do século XX.

Tais diferenças de sociedade e cultura afetam, em vários sentidos, o problema da verdade, sobretudo, no tocante a seu teor comunitário. Allan Kardec dirigia-se a pensadores, pesquisadores e pessoas que buscavam uma prova da existência da alma (Moore, 2008), apesar de suas ideias também terem repercutido em camadas mais populares (Bergé, 1995). Sua linguagem era, basicamente, argumentativa, e voltada para uma compreensão muito afim com o projeto moderno de ciência (Stengers, 1995), no qual os fenômenos deveriam obedecer às leis da Natureza que, uma vez conhecidas, poderiam, em certa medida explicá-los, predizê-los e talvez controlá-los. Ao Espiritismo caberia o papel de uma ciência do invisível cuja função principal seria o conhecimento das leis do mundo espiritual e aplicação moral de seus ensinamentos entre os humanos encarnados. Note-se que tal pensamento não surgiu no contexto religioso (Moore, 2008), que seu principal líder não era ligado a alguma religião e que a proposta espírita se configurou muito mais numa filosofia científica de consequências religiosas (Bergé, 1995). A verdade, portanto, para Kardec, deveria obedecer tanto a uma lógica (razão) de coerência com os ensinamentos já legitimados, como também com uma concordância, em termos de conteúdo, das mensagens espirituais trazidas por diferentes médiuns, de preferência, que não se conhecessem entre si, nem tivessem informações mútuas sobre seus trabalhos. A análise sistemática dessas mensagens seria, de certa forma, uma clara tentativa de aplicação do princípio de um consenso (Liszka, 1996) por meio dessa coincidência de teor entre as mensagens. Em tal projeto, o aspecto emocional era visto com reservas, pois, além dos riscos de perda de racionalidade, a palavra final deveria ocorrer pela força da argumentação, o que o situava fortemente num plano de terceiridade. Não sem razões, autores de outras tradições (Aurobindo, 1935/2000; Otto, 1917/2007) destacaram que o *Numinoso* não existiria no Espiritismo, enquanto sistema de conhecimento espiritual.

Em Chico Xavier, no entanto, o público de suas mensagens era bem distinto. Mães desesperadas pela perda de um filho, pessoas próximas a um suicídio, céticos, miseráveis, celebridades e doentes sem perspectiva de cura compuseram uma comunidade heterogênea bem distinta da de Kardec. Além disso, mesmo que o foco de seu trabalho fossem as psicografias, a ocupação de espaços na mídia, como a TV, o rádio, as revistas e jornais facilitou sua projeção no cenário nacional, associando sua imagem tanto a um poder de interagir e se comunicar com espíritos, como ainda por constantes campanhas de caridade. Não sem razões, sua popularidade chegou a um patamar tamanho que o levou a ser eleito como o mineiro mais ilustre do século, superando nomes como Pelé, Juscelino Kubitschek e Santos Dumont (Souto Maior, 2003). Com tamanho carisma e projeção social, e ainda com público, veículos de comunicação e cenário social distintos, as formas de se endereçar ao público deveriam ser diferentes das de Kardec, mais centrada na argumentação, para serem coerentes com semelhante realidade. Assim, os modos de comunicação foram perpassados por forte teor de iconicidade, envolvendo formas literárias marcadas por diagramas e metáforas, como os romances, contos, poesias e mensagens, além das entrevistas, malgrado a ênfase frequente de Chico para que as diretrizes de Kardec fossem priorizadas (Souto Maior, 2003).

Em meio a novo universo semiótico, os contos de história passaram a possuir um papel central: permitiam a recontagem de histórias já escritas nessas outras formas e também poderiam facilmente assumir o



formato oral. Semelhante facilidade de expressão de uma forma semiótica carregada de ícones facilitou sobremaneira a formação de um teor de ligação social de base afetiva – o *commens* – que se constitui como condição para a formação de uma comunidade que pense sobre um tema (Liszka, 1996). Além de uma integração afetiva e de pertencimento a esses membros, mesmo que nem sempre institucionalizada, esse tipo de linguagem permitia facilmente a inclusão do *Numinoso* associado à figura de Chico Xavier como um grande missionário espiritual ou santo (Lewgoy, 2004; Stoll, 2003). Entretanto, seria difícil afirmar até que ponto o problema da verdade foi assimilado nessa reedição do Espiritismo, dado que os dispositivos originalmente utilizados por Kardec não são frequentes nos centros espíritas brasileiros e suas comunidades ainda não parecem ter desenvolvido critérios para se conceber o *Numinoso* como ontologia.

Chico Xavier se torna, desse modo, um signo de cruzamento entre duas tradições distintas quanto ao problema da verdade. Por um lado, liga-se a um saber que deliberadamente se aproxima do paradigma moderno científico – o Espiritismo – e legitima suas afirmações tendo-se por referência a lógica da argumentação e da prova, tendo na sessão mediúnica seu principal dispositivo. Por outro lado, remete também ao Cristianismo perpassado pelo *Numinoso*, no qual noções como a fé, a graça e o amor apelam para uma dimensão de experiência íntima e o fazem por meio de uma linguagem altamente perpassada pela iconicidade, o que pode situar o problema da verdade dentro de critérios mais específicos da lida com a revelação, na qual o *Numinoso* possui um caráter ontológico próprio (Otto, 1917/2007; Raposa, 2020). Essa inserção de meio caminho entre duas propostas distintas e, à primeira vista, inconciliáveis, o situa como um signo de trânsito entre duas tradições, fazendo do espírita aquele que busca a verdade entre a lógica do laboratório e a experiência do templo. A verdade se situa, desse modo, numa condição de trânsito, no qual a racionalidade moderna e argumentativa e a experiência do *Numinoso*, a bem dizer, estética, estabelecem uma tensão que exige o movimento entre o cientista e o santo, sem que um seja assimilado pelo outro. Entretanto, se semelhante tensão, no futuro, pode sugerir uma integração entre duas dimensões polarizadas, como se parece anunciar em outros saberes (Santos & Meneses, 2009), ainda não é possível de se afirmar que ocorra.

Contribuições Para a Psicologia da Religião

A presente proposta se torna muito interessante para uma ciência como a psicologia, principalmente no campo da religião, dadas suas limitações estruturais e históricas, como a ausência de uma ontologia que especificasse as condições de conhecimento de seus campos (Gonzalez Rey, 2019). Acresce-se ainda que a busca por teorias, métodos e instrumentos como fontes de legitimação, mas desvencilhados de problemas filosóficos mais profundos, como da própria epistemologia também parece ter marcado historicamente a constituição de suas escolas (Neubern, 2017). Considera-se aqui que as articulações entre esses saberes, as ciências normativas e a psicologia, são de grande relevância para que tais problemas sejam pensados e discutidos, de modo a se facilitar a criação de alternativas importantes sobre eles no nível das ciências empíricas.

O problema do *Numinoso* consiste em um foco central para a psicologia da religião, principalmente no que se refere ao problema ontológico das experiências espirituais. Embora tal problema se destaque desde Rudolf Otto (1917/2007), a concepção de uma ontologia própria do *Numinoso* mal parece ter sido tocada pelos psicólogos (Nathan, 2001) sendo que a maior parte de suas teorias o concebem a partir de outras referências ontológicas, como o social, o cultural e o biológico. Todavia, a estética parece oferecer elementos importantes, se não para concebê-lo de todo, ao menos para compreender algumas de suas características, como algo admirável em si, perpassado pela primeiridade, e com um modo sutil, mas muito poderoso, de influenciar as pessoas em suas trajetórias (Raposa, 2020). Assim, embora a psicologia não deva se propor a defini-lo, pois isso não seria sua tarefa (Otto, 1917/2007), ela pode reconhecê-lo por meio dos signos que expressa junto a seus protagonistas dentro de um saber coletivo específico.

No caso da primeira história, ele dificilmente seria apreensível sem uma compreensão mais abrangente do próprio Cristianismo (Otto, 1917/2007), até por repetir, em certa medida, importantes diagramas espíritas em que Jesus lida com prostitutas (Xavier, 1941/2017). Isso porque algo de *sublime* está ali presente num lugar improvável, marcado pelo silêncio (apenas posteriormente Chico se refere em lágrimas ao acontecido) e por um profundo *presente* que envolve a todos, transcende as diferenças e convenções humanas e permite a realização de uma cura. Chico Xavier, sendo um de seus protagonistas, se coloca numa posição muito humilde, invertendo, de certo modo, as convenções sociais, pois um homem reconhece numa mulher a manifestação do *Numinoso*, ao mesmo tempo em que um ser respeitável aceita se submeter a uma figura profundamente marginalizada. Acresce-se ainda que a submissão de Chico a isso tudo consiste, de certo modo, na condição de se colocar diante *Daquele* que é o *totalmente Outro* (Otto, 1917/2007), o que situa os humanos frágeis na necessidade de se ajoelhar, o que é feito ali em termos simbólicos por sua atitude de marcante humildade. Enfim, um homem considerado por muitos como um santo se deixa curar pelas mãos de uma pecadora. O teor *misterioso*, silencioso, a forte emocionalidade e a sensação (confirmada pelo transe de Chico) de que algo vindo do *mais alto* (*augusto*) acontecia ali naquele presente que envolvia a todos e se sobrepunha até mesmo às intervenções médicas já buscadas. Numa palavra, a experiência de Chico diante daquela jovem não foi, pelo que se consta, uma experiência religiosa, mas profundamente espiritual dado o teor preponderante do *Numinoso* na cena. Assim, malgrado a heterogeneidade de registros como gênero e condição social, é o espiritual



enquanto *Numinoso* que prevalece como motivo da cura e razão para que uma tal história pudesse ser digna de ser contada a outros.

Nesse sentido, uma pesquisa psicológica sobre o *Numinoso*, necessariamente, deveria passar pelo papel dos ícones, como mostram importantes contribuições no campo (Rambelli, 2013; Raposa, 2020). Grosso modo, podem se referir ao *Numinoso* como objeto e também aos interpretantes que geram em seus interlocutores, permitindo a compreensão de toda uma rede de sistemas semióticos que compõem semelhantes experiências em pessoas, grupos e comunidades. As histórias aqui narradas, por exemplo, como diagramas são muito profícuas para se referirem a tal campo, uma vez que assumem sua iconicidade em termos plenos, pois um ícone, por mais insinuar que mostrar, é em si mesmo incompleto e leva a pessoa a gerar mais e mais interpretantes em complexos processos de semiose à medida a que retoma contato com ele. O próprio silêncio explicativo que acompanha as descrições parece deixar um considerável espaço na experiência para que a semiose se dê para preenchê-lo, sem jamais conseguir atingir tal objetivo por inteiro, como se dá com a própria relação com o *Numinoso* em diferentes tradições (Otto, 1917/2007; Raposa, 2020). O mesmo poderia se pensar quanto à iconicidade presente em práticas como músicas, pinturas, textos sagrados, vitrais, imagens, danças, cantos, sons, rituais, meditações e orações (Rambelli, 2013; Rambelli & Reinders, 2014; Yelle, 2013).

A ética se constitui como outra ciência normativa de grande valia para a psicologia da religião, principalmente no sentido de apontar e problematizar as relações entre ego e self. A própria história aqui trazida remete a um nível de exigência que se apresenta, à primeira vista, como super-humano e até mesmo cruel, pois, um ser espiritual cobraria fortaleza de uma criança de cinco anos diante dos ataques desproporcionais de uma adulta. Contudo, novamente tomando-se em conta todo um cenário perpassado pelo Espiritismo enquanto maquinário, semelhante violência se constitui como um modo duro de iniciação para prepará-lo para uma grandiosa missão de teor coletivo. A ética situa-se, por um lado, como um importante veículo de reflexividade no tocante ao autocontrole, enquanto modo de evitar a reatividade de antigos hábitos. Numa concepção inicial, tal aspecto da ética liga-se também a uma aplicação prática do código moral, sempre presente nas religiões e que costuma possuir um papel importante na subjetivação das pessoas, como na formação de conflitos, modos de conduta, rituais e valores – fenômenos muito ligados às implicações do ego no mundo social.

Por outro lado, essa concepção seria um puro código de conduta sem o aspecto mais amplo da ética, que é da busca de integração entre ego e self ou de uma integralidade (Seif, 2019). Em termos pragmáticos (Peirce, 1903/1997), seria possível conceber tal integração no tocante à busca deliberada de coerência da pessoa entre suas condutas e as crenças presentes em sua subjetividade, no caso, moldadas pela própria influência do *Numinoso*. Há aqui uma exigência de cultivo dessas conexões que parecem situar o sujeito num campo de experiência anterior ao ego, numa ideia próxima ao pensar do *De-sign* no qual se deixa navegar sem um destino prévio e conduzir por um princípio de sabedoria superior (Seif, 2019) que, apenas posteriormente, pode resultar em explicações racionais. Em diferentes narrativas, os tranSES de Chico Xavier parecem situá-lo nessa condição de maneira que, banhado nas águas do *Numinoso*, parecesse ter percepções, atitudes e modos de compreender as situações muito distantes daquelas das pessoas comuns que, contudo, não deixavam de se comover com ele. Os ícones, em geral, são particularmente importantes aqui porque sempre parecem apontar para a necessidade de que o ego se renda a um ditame superior, presente na experiência individual e nos maquinários coletivos, ora para ser testado, ora para ser preparado para algo maior, como uma missão. Essa maneira de se deixar mergulhar no *Numinoso* e ser, de certo modo, possuído por ele é o que parecia fazer de Chico um signo do divino em suas ações comuns e nas diversas atividades de assistência e mediunidade em que se envolvia. Era também uma poderosa fonte de referência quanto a seus pertencimentos espirituais (*ethos*), que lhe conferiam uma identidade no mundo (médium) e um poderoso projeto de existência – o de cumprir sua missão – para o qual deveria direcionar todo seu esforço em termos éticos. Em suma, ao remeter ao problema da integração entre ego e self, a ética abrange aspectos fundamentais para a psicologia da religião, como pertencimentos, identidade, condutas, missões e projetos de existência pautados pelo *Numinoso*.

Já a semiótica apresenta um conjunto de contribuições de grande relevo para a psicologia da religião em diferentes níveis. As histórias sobre Chico Xavier, por exemplo, remetem a um conjunto de construções sociais de diversas ordens, como suas origens étnicas mestiças, suas construções de gênero, sua religião, sua classe social e sua baixa escolaridade, em meio a uma sociedade conservadora cujas hegemonias sociais o situariam numa condição marginalizada. No entanto, a essa diversidade de sistemas semióticos, gerados no social, também se soma o papel do *Numinoso* que lhe conferiu uma condição excepcional inspirada no Cristianismo, segundo o qual, espiritualmente, os “fracos” estão acima dos “poderosos” (Otto, 1917/2007). Tal perspectiva consiste numa contribuição da mais alta pertinência, pois situa o fenômeno espiritual em suas ligações orgânicas com a heterogeneidade do mundo sociocultural, ao mesmo tempo em que destaca seu papel, no caso, preponderante no que diz respeito a uma poderosa redefinição que se funda em *ethos* marginais para fazer de Chico uma figura altamente respeitada em diferentes círculos sociais. A ideia de verdade, aqui, estaria ligada tanto à ontologia do *Numinoso*, que é distinta das demais que compõem esses sistemas, como também em seu papel como potência geradora de sentido para Chico e diferentes comunidades tocadas por suas mensagens.

Considerando-se o aspecto comunitário da verdade, a semiótica também traz possibilidades de reflexão e pesquisa de grande importância. Os diagramas, assim como outras formas, acabam por compor uma rede de trocas semióticas que implicam as pessoas das comunidades de diferentes modos. Grosso modo, ouvir,



contar e recontar histórias consiste num poderoso modo de proporcionar o pertencimento das pessoas a um solo afetivo e comunitário – o *commens* – fundamental para se investigar a verdade, o que pode ocorrer de diferentes modos (Liszka, 1996). Outrossim, remete a um aspecto de grande valia para a compreensão do *Numinoso*, no qual um signo que o representa, por meio da semiose, torna-se presente na subjetividade dos interlocutores, podendo mesmo se integrar a seus sistemas de agenciamento e atuar decisivamente nos processos de construção de sentido (Raposa, 2020). Em outras palavras, o Chico Xavier narrado em tais histórias, enquanto signo do *Numinoso*, passa a se fazer vivo nos *selves* dos membros das comunidades espíritas (e mesmo de outras) tornando-se uma referência central para que elas mesmas possam interagir e se conectar com essa dimensão central da espiritualidade. Ao mapear e compreender o papel dos diagramas, os psicólogos podem, portanto, compreender lógicas de relação com o *Numinoso*, como é subjetivado pelas pessoas, e mergulhar nas verdades pessoais que desenvolvem, principalmente a partir dos sentidos que constroem em temáticas centrais de suas vidas.

No entanto, a visão de Emmanuel e a própria alusão à disciplina também precisam ser considerados no tocante aos próprios critérios coletivos de legitimação, sob a pena de se tornarem errôneos diante da comunidade, que pode situar seus protagonistas como vítimas das trevas ou da própria vaidade (Souto Maior, 2003). Os limites entre uma mensagem aceitável e um embuste, ou entre uma disciplina missionária e uma crueldade precisam ser traçados a partir de critérios coletivos nos quais suas lógicas sejam explicitadas e discutidas junto à comunidade em cada caso específico (Raposa, 2020), o que situa a investigação num campo de terceiridade. Como isso poderia ser confirmado e analisado, fosse por meio do conhecimento espírita vigente, fosse por meio de outras comunicações mediúnicas e especialistas respaldados, parece ser um caminho coerente em termos etnopsicológicos, de maneira que semelhante realidade poderia levar o psicólogo a refletir sobre questões fundamentais para tais pessoas, como os sentidos gerados por tais fenômenos, suas implicações em termos de pertencimentos e seu posicionamento em termos de projetos de existência. Contudo, caso se considere que o psicólogo deva se engajar nessa conversação, ele, de algum modo, pode integrar a construção desse espaço a ponto de se fundir a esse grande self coletivo que lhe traz tanto a possibilidade de se deixar tocar por essa realidade e ser sensível a certas nuances suas, como ainda de se perder por entre suas complexas florestas de signos. O desafio de sua pesquisa será, então, o de se movimentar entre o sentir da primeiridade e o distanciar-se da terceiridade para permanecer vivo enquanto pesquisador (Neubern, 2018).

Referências

- Albuquerque, T. (2015). Chico Xavier e a construção simbólica do Brasil como “coração mundo” e “Pátria do Evangelho”. *Caicó*, 16(36), 129-148.
- Aurobindo, S. (2000). *Lights on yoga*. Pondicherry: Sri Aurobindo Ashram. (Trabalho original publicado em 1935)
- Barbosa, E. (1993). *Enxugando lágrimas*. Araras: IDE.
- Bergé, C. (1995). *L'au-delà et les Lyonnais*. Lion: Lugd.
- Bíblia Anotada (C. Pinto, Trad.). (1994). São Paulo: Mundo Cristão. (Original publicado em 1969).
- Colapietro, V. (1989). *Peirce's approach to the self*. Nova York: Suny.
- Corbin, H. (2008). *Face de Dieu, face de l'homme*. Paris: EntreLacs. (Trabalho original publicado em 1983)
- Freitas, M. (2017). Psicologia religiosa, psicologia da religião/espiritualidade ou psicologia e religião/espiritualidade? *Revista Pistis Praxis. Teologia Pastoral*, 9(1), 89-107. <https://doi:10.7213/2175-1838.09.001.DS04>
- Gama, R. (1998). *Lindos casos de Chico Xavier*. São Paulo: Lake.
- Gonzalez Rey, F. (2019). Subjectivity in debate: some reconstructed philosophical premises to advance its debates in psychology. *Journal of Theory and Social Behavior*, 49, 1-23. <https://doi:10.1111/jtsb.12200>.
- James, W. (1987). *The varieties of religious experience*. New York: The Library of America. (Original publicado em 1902)
- Jappy, T. (2013). *Introduction to Peircean visual semiotics*. London: Bloomsbury.
- Lewgoy, B. (2004). *O grande mediador: Chico Xavier e a cultura brasileira*. São Paulo: Edusc.
- Liszka, J. (1996). *A General Introduction to the Semeiotic of Charles Sanders Peirce*. Indianapolis: Indiana University Press.



- Monroe, J. (2008). *Laboratories of Faith. Mesmerism, spiritism and occultism in modern France*. London: Cornell University Press.
- Nathan, T. (2001). *Nous ne sommes pas seuls au monde*. Paris: Synthélabo.
- Nathan, T., & Swertvaegher, J. (2003). *Sortir d'une secte*. Paris: Synthélabo.
- Neubern, M. (2016). Iconicity and complexity in hypnotic communication. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(esp), 1-9. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-3772e32ne217>
- Neubern, M. (2017). Contribuições epistemológicas da hipnose de Milton Erickson para a psicologia moderna. In D. M. Amparo, E. R. Lazzarini, I. M. Silva, & L. Polejack (Eds). *Psicologia Clínica e Cultura Contemporânea 3* (pp. 684-709). Brasília: Technopolitik.
- Neubern, M. (2018). *Clínicas do transe. Etnopsicologia, hipnose e espiritualidade no Brasil*. Curitiba: Juruá.
- Neves, G.; Loyola, K., & Rosa, E. (2019) *Estatuto da criança e do adolescente*. São Paulo: Rideel.
- Otto, R. (2007). *O Sagrado*. (W. Schlupp, Trad). Petrópolis: Vozes. (Original publicado em 1917).
- Otto, R. (2016). *Mystique d'Orient et mystique d'Occident*. Paris: Payot. (original publicado em 1951)
- Peirce, C. (1997). *Pragmatism as a principle and method of right thinking*. Nova York: State University of New York Press. (Original publicado em 1903)
- Peirce, C. (1998). *The essential Peirce*. Indianapolis: Indiana University Press.
- Petrilli, S. (2017). *The self as a sign, the world, and the other*. New York: Sage.
- Rambelli, F. (2013) *A Buddhist theory of semiotics*. London: Bloomsbury.
- Rambelli, F., & Reinders, E. (2014). *Buddhism and iconoclasm in East Asia*. London: Bloomsbury.
- Raposa, M. (2020). *Theosemiotic. Religion, reading and the gift of the meaning*. Nova York: Fordham University Press.
- Rolland, R. (2012). *The life of Ramakrishna*. Kolkata: Advaita Ashrama. (original publicado em 1929)
- Santos, B., & Meneses, M. (2009). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez.
- Seif, F. (2019). *De-Sign in the transmodern world. Envisioning reality beyond absoluteness*. Berna: Peter Lang.
- Semetsky, I. (2010). *The re-symbolization of the self: Human development and tarot hermeneutic*. Nova York: Sense Publishers.
- Silva, T., & Brunelli, A. (2016). Pinga-Fogo e Chico Xavier: do ethos à semântica global do Espiritismo Kardecista. *Linguagem em (Dis)curso*, 16(2), 213-226. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4017-160201-1915>.
- Souto Maior, M. (2003). *As vidas de Chico Xavier*. São Paulo: Planeta.
- Souza, J. (2019). *A elite do atraso. Da escravidão a Bolsonaro*. Rio de Janeiro: Estação Brasil.
- Stengers, I. (1995). *L'invention des sciences modernes*. Paris: Flammarion.
- Stoll, S. (2003). *Espiritismo à brasileira*. São Paulo: EdUSP.
- União Espírita Mineira. (1992). *Chico Xavier. Mandato de amor*. Belo Horizonte: União Espírita Mineira.
- Yelle, R. (2013). *Semiotics of religion*. New York: Bloomsbury.
- Xavier, F. (2011). *Caminho, verdade e vida*. Rio de Janeiro: FEB. (original publicado em 1948)
- Xavier, F. (2017). *Boa nova*. Rio de Janeiro: FEB. (original publicado em 1941)

Recebido em 07.09.2021 – Primeira Decisão Editorial em 06.07.2022 – Aceito em 26.10.2022